

CASTANHO, Sérgio. **Teoria da história e história da educação**: por uma história cultural não culturalista. Campinas, SP: Autores associados, 2010, 108p.

**TEORIA DA HISTÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**THE THEORY OF HISTORY AND HISTORY OF EDUCATION**

*Francisco Caloia Alfredo\**

**Palavras-chave:** Educação, história, história cultural

**Keywords:** Education, history, cultural history

A obra de Sérgio Castanho se mostra convidativa ao leitor, e bem no seu início o diálogo impera em torno do conceito metafórico sobre a história. Ela também conduz o leitor a testemunhar respigas do engajamento do autor na carreira profissional docente calejada de experiências como professor e pesquisador na área de história. Esta percepção vislumbra-se não apenas a partir dos primeiros traços pelos quais discorre o conteúdo textual, como também se faz presente no discorrer concatenado das ideias que configuram o texto. Aliás, o mérito intelectual do autor é colocado em relevo por meio de rasgados elogios de seus pares (Dermeval Saviani e José Sanfelice), por conta da riqueza interpretativa pintada em profundidade com a qual ele se revela ao mobilizar e posicionar elementos de sustento conceitual, que permeiam suas colocações.

A dimensão da obra atrai destes pares, fortes considerações e recomendações plausíveis à sua leitura, não apenas por estudiosos de história, como também por acadêmicos de forma geral, porquanto, seu conteúdo perpassa o interesse restrito de estudiosos de história ou de história da educação.

Nas palavras de Sanfelice, ao prefaciar a obra, há a viva recomendação à leitura da mesma, dada a singularidade com que ela se apresenta, por um lado, pelo brilho formal conceitual e de conteúdo que o autor constrói o texto. Por outro, o rigor dos resultados da pesquisa que fundamentam o texto final ao demonstrar riqueza deste ensaio intelectual que a confere abrangência ampliada.

A densidade da obra em esfacelar o campo da história e da história da educação com esmerada coerência didática também retirou de Saviani palavras que a qualificam em instrumento de leitura obrigatória para especialistas em história e em história da educação, tendo considerado à discussão historiográfica nela revestida.

A dimensão e profundidade científicas que se assinalam na obra, com suporte investigativo, teve como objetivo primordial atender à exigência restrita afetas ao Departamento de Filosofia e História da Educação da

Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), circunscrita no âmbito de tarefas específicas inerentes à atividade profissional do autor. Com isso, dada a utilidade da obra à comunidade acadêmica como professores, alunos e interessados na história e na história da educação, o autor tornou-a de abrangência socialização transpondo de seu objetivo inicial.

Trata-se de uma obra dividida em duas partes, em que a primeira se desdobra sobre a fundamentação do materialismo histórico dialético. Ou seja, o suporte dos argumentos apresentados embasa às ideias e à doutrina marxiana, e sempre que necessário o autor mobiliza elementos enriquecedores à discussão com contribuições de elementos teóricos diversificados na prossecução de suas colocações.

A primeira parte da obra refere à abordagem da Teoria da História, e ressalta Marx e a história, o materialismo histórico antiestruturalismo, o projeto social e a defesa da história diante do pós-modernismo. Neste capítulo, as ideias que o finalizam sinalizam fundamentalmente três aspectos, notadamente, a memória, o tempo presente e a prospecção do futuro.

O autor retoma a discussão em torno da interpretação da obra de Marx que confunde alguns leitores como caracterização da produção em economia, quando a perspectiva de Marx é a da crítica à economia política burguesa.

O destaque em torno às posições de Marx é explicitado na medida em que o autor afasta o pensamento de que Marx tinha sido economista ou determinista, antes pelo contrário, ele se posiciona como relacionista “para quem a totalidade resulta da síntese de múltiplas determinações mediante um leque de mediações” (p. 7). Nesta perspectiva, Castanho faz referência a José Paulo Netto ao pontualizar as diretrizes gerais da teoria marxiana da história em alusão o recurso a outros documentos considerados importantes à Marx.

Assim, Marx é explicitado no sentido de que à sua teoria não se fecha em si mesma, fechada à realidade sem se mostrar evidente à dinâmica da sociedade. Com efeito, Castanho procura clarear esta ideia na afirmação de que a premissa da teoria de Marx esclarece as tendências da realidade social. Além disso, suas concepções sobre estas proposições desmereçam à ideia de que a produção material está longe da socialização, assim como a cultura manifesta na linguagem somente desenvolve-se enquanto produto da sociedade.

Relativamente o materialismo histórico, nas palavras de Edward Thompson, citadas pelo autor da obra, “uma teoria que se impõe rigidamente à realidade, condenando o trabalho histórico de colheita de material empírico” (p. 46), pode trazer dificuldades, mesmo sendo excepcional, na verbalização teórica como processo histórico. Teoricamente o processo de delineamento e finalização do materialismo histórico salienta e ampara em respectivos momentos questionamentos em seus procedimentos e conhecimentos históricos construídos.

Em volta do materialismo histórico e da teoria da história ou do pensamento histórico trazidos à discussão, também captam-se reflexões atribuídas à realidade social capitalista em apontar para justificação da transformação de tudo, mercadoria acumulada e possibilidade maximizadora à obtenção de lucro e competição social.

Assim, no fim da primeira parte da obra, põem-se em relevo a memória e a história. Isto é, apresentam-se questionamentos básicos do que seriam estas memórias da história. Nesta lógica, o autor destaca duas memórias, sendo a primeira individual, cuja identidade incide no indivíduo e tem em suas lembranças fatos e percursos que caracterizam ou caracterizaram determinada época. A segunda refere-se à memória cultural ou coletiva, à qual congrega-se todo pensamento coletivo da sociedade, portanto, os acontecimentos sociais de que fizeram parte às pessoas.

As evidências trazidas pelo autor, brotam de um apropriação teórico que parece relevante à discussão partilhada, que dentre outras considerações procura conceitualizar o tempo, sociologicamente falando, em considerar que seu conceito relaciona, além dos acontecimentos registrados em sociedade, também considera dimensões físicas, como por exemplo a chuva ou a estiagem cuja relação repercutem na vida social. Nesta perspectiva, as indagações que se colocam não minimizam tais relações, mas reportam à reflexão o quanto a história é alimentada pelo tempo.

Na segunda e última parte da obra, história cultural e história da educação, Castanho coloca em relevo dois pontos. Sendo o primeiro, referente à formação da história cultural sobre a qual ele mobiliza um arsenal teórico em que perfila diferentes ideias mesmo não as abraçando no seu conjunto. É o caso, por exemplo de ideias de autores que defendem a história cultural. O autor a reportar-se do século XX, ressalta este pensamento como marco inicial em que vislumbra à história cultural em diversos desdobramentos. Outrossim, ele faz referência a ausência do marxismo sobre às ideias pedagógicas como abertura do domínio positivista das mesmas.

Embora à história cultural seja referenciada, a esta o autor enfoca a perspectiva sinalizada em alguns autores, pois, para Castanho, a história cultural é fragmentada em sua historiografia, daí configurar-se em segmento da história. Ele é claro ao afirmar que não se revê na visão teórico-metodológica da história cultural, mas isto não desmerece à consideração de seus elementos valiosos que podem favorecer à história.

O cuidado que o autor parece revelar no destrinçar destes aspectos, revela seu firme posicionamento no resguardo da conservação de sua identidade face à história cultural, pois, ele considera que nem toda história é cultural.

Em outro ponto de abordagem, o autor traz destacada a história cultural, a educação e história da educação atravessadas basicamente com o posicionamento anteriormente assinalado. A discussão sobre a cultura como referencial da compreensão social, atribui-lhe o posicionamento a respeito

da história da educação como fenômeno indissociável às ocorrências e variações que se dão no tempo e no espaço.

Portanto, a obra de Castanho evidencia a separação da história da cultura e da educação sem que isto signifique rompimento de interação. Este pressuposto faz-se presente nas evidências dos objetivos desta obra, gerada de profunda pesquisa cujo valor não apenas favorece a história, mas também favorece a história da educação ao veicular ideias que contribuam para o fortalecimento e ampliação do conhecimento em abrir interesse ao debate em torno da teoria da história e da própria história da educação.

### **Nota**

\* Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Professor do Instituto Superior Politécnico Vida, ISPVIDA, Angola. E-mail: franciscococaloia10@gmail.com

Recebido em: março de 2012.

Aprovado em: maio de 2012.